

ATIVIDADES ECO SOCIAL EM ÁREAS ESPELEO-NATURAIS [ECO-SOCIAL ACTIVITIES IN AREAS WITH NATURAL CAVES]

Leandro Rosalem FERREIRA

Base 1 – Espeleotrips - base1espeleotrips@yahoo.com.br

Rua Votorantim, 100, Apto. 56, Bloco 02, Vila Nova, Campinas SP, CEP: 13.073-090

RESUMO

O presente trabalho traz levantamento e pesquisa, voltados ao Impacto Turístico em área pré-determinada no PETAR, entre os núcleos Caboclos, Santana, Ouro Grosso e Casa de Pedra, incorporando as Cidades de Apiai e Iporanga, e entorno.

Visa também uma inter-relação, entre moradores, turistas e espeleólogos, que usam o território para variados fins, seja turismo, esporte, lazer ou economicamente.

Busca parâmetros para que as atividades sejam elaboradas dentro de um padrão limpo e dinâmico, respaldados pelo Código de Preservação Ambiental Brasileiro / Ministério do Meio Ambiente.

Deixa em aberto a pauta do conteúdo exposto, para posterior desenvolvimento de novos parâmetros e debate com os interessados.

Palavras-Chave: Ecoturismo; educação ambiental; espeleologia; cavernas; impacto ambiental.

[ABSTRACT]

The present paper provides a survey of and research on the impact of tourism in certain areas in PETAR, including the nuclei of Caboclos, Santana, Ouro Grosso and Casa de Pedra, and the cities of Apiai and Iporanga and their surroundings.

It also considers the inter-relationship between local inhabitants, tourists and speleologists who conduct various activities in the area, whether tourism, sport, relaxation, or economic gain. It looks for parameters to determine if these activities have been elaborated within acceptable standards of cleanliness and dynamism, as proposed by the Code for the Preservation of the Brazilian Environment of the Minister of the Environment.

[Rather than proposing a single concrete solution] it leaves the issue open for discussion by those who are interested.

Key words: Ecotourism; environmental education; speleology; caves; environmental impact.

INTRODUÇÃO

Trabalho desenvolvido junto a área do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR e bairro da Serra em Iporanga / SP, visando o desenvolvimento ecológico - sócio - cultural - espeleológico.

Dentre as atividades realizadas junto as áreas adjacentes do PETAR na região do bairro da Serra, podemos citar fatos que realmente são relevantes, porém, são deixados de lado, tendo em vista o aumento de atividades esportivas e turísticas da região, onde o social, o ecológico, o cultural e o religioso estão sendo colocados em segundo plano e até não respeitados.

Cabe neste trabalho mostrar e conscientizar o público interessado, que antes de se deslocar a uma área, devemos e temos por obrigação, ter em mente, o que iremos encontrar em nosso caminho de ida, estada e retorno, para que possamos constatar, explorar e receber entendimento do que é o local a ser visitado, sem lhe causar danos eco-sócio-cultural-religioso-espeleológico. Isto só irá ocorrer, se o visitante for instruído e moldado dentro de padrões que resgate e inicie a conscientização de que - visitar, respeitar e preservar é necessário.

Bandeira esta, que, o Grupo Base1espeleotrips tem como missão e obrigação de levantar estes tópicos como meio de origem, desenvolvimento e aplicação.

Por se tratar de área pública, normalmente o turista / visitante, não se acha na situação de se enquadrar em uma posição preservacionista, em áreas que são preservadas, conservadas e mantidas pelo governo do estado de São Paulo. Sendo assim o turista / visitante, não se importa em saber o quanto impactante é a sua presença em áreas, as quais está presente, mesmo que por pouco tempo, bem menos é a sua consciência da mudança que causa na área sócio-cultural da região visitada, tendo em vista que, se não se importa com o patrimônio natural, menos ainda se importa com o sócio-cultural, e é neste momento, em que a postura voltada para a educação ambiental deve ser aplicada e desenvolvida.

A situação de conscientização ambiental não deve ser observada apenas sob a ótica da paisagem natural, pois, não é só natureza (floresta, montanha, rio, animais) mais sim, todo o meio natural (ação do homem nesta natureza) que se constitui o cenário, que totaliza o conteúdo observado.

Não devemos excluir nenhum item da paisagem para que a mesma seja analisada e posteriormente fixada em nosso conhecimento, e também, não devemos deixar de observar a ação do homem neste meio, tanto a ação do homem local como o homem visitante.

O homem já alterou a paisagem local, desde sua primeira investida neste meio, e continua alterando com suas rápidas ou demoradas investidas ao local já impactado.

Então, florestas, montanhas, rios, animais, locais, homens, etc., foram todos modificados, e continuam a ser modificados a cada instante, tanto para o lado benéfico como para o maléfico.

Nesta abordagem em geral, observamos que o meio ambiente e o homem se adaptam ao ritmo de desenvolvimento gerado e aplicado, conforme a visitação e a permanência do homem nestas áreas "in loco", cabendo neste momento, saber se isto deve ser continuado ou então restringido ou até mesmo moderado, conforme a situação.

Ora, para definirmos alguma ação, devemos levar em conta a situação anterior, presente e a futura em que o homem submeteu e submeterá, a esta realidade local.

Chegamos então, ao início de nossa proposta, a qual destaca a origem do local, sua importância natural, e a presença do homem interferindo neste meio.

Normalmente nos colocamos ao lado da natureza intocada, e que deve ser a todo custo preservada, mas se a visitarmos, estaremos causando danos a mesma.

Por outro lado para visitarmos o local, pleiteamos um acesso razoável, com estrutura, e benefícios urbanísticos no mínimo aceitáveis, que irá gerar de imediato, outro impacto local.

Ainda no desejo de conhecer o local a fundo, iremos modificar também, a cultura local, que já está, praticamente, envolvida com novos costumes, práticas e meios, que descaracterizou a estrutura local original.

Cabe a nós, conhecedores dos impactos já causados, deixar de danificar e começar a construir novas formas de visitação e convivências, que irão culminar com os itens - conscientização, preservação e inculturação do local a ser visitado, causando ao mesmo, o menor impacto possível, e sempre, manter e melhorar através da educação ambiental, os sítios que cultuamos como natureza intocada, para que futuras gerações possam ter acesso consciente, a locais que devem ser preservados na sua integridade eco-sócio-cultural-histórico-espeleológica.

METODOLOGIA

O método adotado para levantar os impactos causados, foi :

Visitação : A sítios arqueológicos, cavidades subterrâneas, residências locais, rios, clareiras, trilhas, patrimônios culturais, áreas de mineração, entre outras.

Registro de locais em forma de fotografias. Comparação de fotos antigas / recentes.

Registro da mudança do comportamento habitacional, social e cultural.

Trilhas e caminhos históricos, ainda se encontram preservados, junto com estórias que tivemos acesso e que narram a saga dos primeiros colonos e exploradores desta extensa região.

As áreas de patrimônio histórico resistem bravamente aos ultrajes e vandalismos que turistas e até mesmo os

moradores, aplicam nestes documentos reais e identificadores de uma época, em que se vivia exclusivamente da terra e das águas, e que merecem e necessitam de urgente restauração.

Por outro lado, presenciemos o desmatamento cruel e desenfreado, de nossa mata atlântica, quer ora por palmiteiros, grileiros, especulação imobiliária, ou até moradores locais mal informados, a caça de espécies que já estão na lista de extinção, a mineração imprimindo um ritmo desumano em um eco-sistema que deveria ser preservado a qualquer custo.

Esta, entre outras pesquisas, oferece dentro de um padrão de visitação, de que algo deve ser feito, para se manter o bom e excluir o ruim, deste turismo/exploração que ainda caminha por uma estrada nova e sem parâmetros lógicos.

Estudo específico do pessoal voltado ao turismo, moradia, comércio ou até então transeuntes sem destino fixo, identifica-se que existem focos de interesse de que algo bom seja feito, mas que a maioria esteja esperando do governo do estado, que algo se faça.

No que tange o fator **espeleologia**, constata-se que são poucos os que pensam em diminuir o ritmo de exploração e re-estudar a forma de exploração e qual realmente o objetivo desta atividade, comparado ao espeleo-turismo que, quer visitar mais e mais rápido o possível, antes que acabe ou se fechem as entradas para esta atividade.

No fator registro de áreas e locais que outrora eram esquecidos ou preservados, pode-se ver um grande impacto causado por visitação desordenada e massiva, onde as perdas são irreparáveis e irreversíveis. Em comparações com registros anteriores, tem-se a noção que dificilmente a paisagem volte a ser como a original, restando-nos apenas preservar o existente.

O choque social, também ocorre, devido a grande influência do aumento do fluxo turístico local, onde as oscilações de turismo voltadas aos feriados, geram um disparate da economia local, fazendo em que em certas datas exista uma invasão de turistas, e em outro momento não exista nenhuma visitação.

Surgem então momentos de exaustão e outro momento de solidão.

A chegada de vícios, decorrentes ao grande fluxo e novas idéias fazem com que a sociedade que antes era regrada, torne-se sujeita a adquirir novos vícios, os quais mudam o sistema que outrora era tido como atuante na região.

Tudo isso nos leva a crer que algo deve ser feito, de caráter urgente, pois, dificilmente se conseguirá reverter o quadro, se medidas de conscientização, preservação e restauração não forem adotadas.

Devido a estes e outros fatores, a necessidade de se fazer algo a respeito destes e outros parâmetros, a iniciativa de educação tornou-se nossa bandeira, os trabalhos foram voltados a preparar o turista para que o mesmo se educasse, compreendesse, e aplicasse o aprendido, e respeitasse os padrões de cultura e vivência dos lugares e moradores ali existentes, e que, a simples presença do turista já causa impacto no local visitado.

De acordo com a premissa do ecoturismo, definido como *"um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e a busca de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas"*. (MICT/MMA,1994).

A aplicação de técnicas, elaboradas em locais de repercussão internacional, como no caso aprender a interpretar a área visitada, tornou-se o início de todo trabalho, e que a interpretação da área visitada deve ser, uma atividade educacional que aspira revelar os significados e relações por meio do uso de objetos originais, através de experiências de primeira mão e por meios ilustrativos, no lugar de simplesmente comunicar informação literalmente. (TILDEN, 1957:04)

Então, subentende-se que, quando se caracteriza e interpreta-se a natureza, não é propriamente certo fornecer múltiplas informações e relatos ao visitante, e sim municiar o visitante de conhecimentos realistas e atuais que fará com que o mesmo reflita e tome decisões que irá enriquecer e favorecer o local a ser visitado, respeitando-o e conservando-o de forma natural.

Por outro lado não devemos desprezar o lado cultural e religioso, que também exerce grande influência no lado social e no físico, pois, uma das primeiras utilizações das cavernas pelos homens foi como abrigo ou morada. Inicialmente este espaço foi utilizado como moradia dos mortos, representados pelos constantes sepultamentos, já que a estes, (os mortos), podia-se dar o privilégio de fixar morada, restando aos vivos apenas a utilização como abrigo temporário, contudo o homem foi se fixando nas cavernas por períodos cada vez maiores e se agrupando em comunidades que seriam os primórdios de nossas cidades (MUNFORD, s/d). As cavernas, tidas como patrimônios culturais e religiosos estão inseridas em um conjunto de atrativos turísticos, que podem e devem ser visitados e preservados.

Na realidade, estamos agora envolvidos com uma série de fatores que se interdependem entre si, e que irá refletir em uma população local, que é carente de subsídios e que são fundamentais para que a totalidade seja equilibrada e sustentável, e que seja capaz de filtrar as influências vindas de outras culturas, culturas estas que são passageiras e conflitantes, e que irão causar grandes mudanças sócio-culturais nos locais em que irão fazer parte de um roteiro turístico, então, o estudo de uma caverna e seu entorno, deve ser avaliado fundamentalmente, no qual será o objetivo final de sua realização, e quais serão as técnicas aplicadas a este estudo (WERKER; HILDREYH-WERKER, 2001) e por fim, ter-se um parâmetro do quão abrangente será o impacto causado no local.

Chega-se agora ao fascinante mundo subterrâneo, o qual clama por auxílio imediato e responsável, tendo em vista que, muito se tem falado e nada se tem feito, no que tange o fator visitação / preservação, salvo interesses pessoais em que grupos apadrinham a caverna de sua preferência e a usam da maneira que lhe é conveniente,

sem se importar com o conteúdo sócio-cultural e até mesmo a ética profissional, a qual também clama por um intercâmbio espeleológico consciente e responsável.

O que vemos hoje no meio espeleológico é algo surpreendente, pois, são poucas as atividades voltadas realmente ao estudo / turismo sustentável, o emprego de especialistas de diferentes áreas relacionadas a questão ambiental torna-se eficiente quando há um trabalho cooperativo entre eles, sem hierarquizações do saber ou da problemática ambiental, sem preconceitos mútuos, permitindo que várias faces desse múltiplo campo aflorem em equacionamento rico, (MORAES,1994), e que visem a prosperidade local e uma interação entre os grupos envolvidos.

Passada a febre de visitações ditas como estudos de meio, as quais mais depredavam do que preservavam, e passado agora as turbulências, o que restou são problemas ambientais, impactos ambientais, rivalidades locais e total desinteresse em se reestruturar o meio natural outrora existente.

Vale agora, expostas as ações, a conscientização de que alguma coisa deve ser feita, em prol das regiões impactadas, pois, se antes, em que tudo estava normal e foi adulterado, onde tudo girava em torno da preservação e foi desencadeada uma série de fatores perniciosos, hoje não é de se esperar que grandes monopólios queiram se instalar nestes locais, agora destruídos e suscetíveis a intervenções desastrosas, sem se falar da perda irreversível de grupos locais, podendo citar o caso dos quilombolas*, áreas de interesses espeleológicos que estão sendo dizimadas para fins e interesses econômicos, e que em nada contribuem para que seja instaurado um sistema real de sustentabilidade, não impactante.

Através de relatos de cientistas ilustres e respeitados por nossa sociedade, podemos ter a resposta de quão importante é a preservação dos parâmetros cavernísticos, vale citar que muitos pesquisadores que penetravam nas cavernas como geólogos e engenheiros de minas, com a finalidade de possível aproveitamento mineral das mesmas, adquiriam uma estima por estes ambientes passando a estudá-los sobre outros aspectos. É o caso do engenheiro Epitácio Passos Guimarães que durante a realização de trabalhos de prospecção no Vale do Ribeira, compreende a importância espeleológica na região, que propõe não a mineração da área, mas sim, a criação de um parque estadual, atualmente o PETAR, por outro lado podemos citar trabalhos voltados a levantamentos de áreas de referência turística como, o levantamento detalhado de vários locais com potencial turístico espeleológicos no município de Apiaí - Iporanga, incluindo também alguns dos seus arredores, uma vez que o potencial cárstico da região é indiscutível (SCALEANTE, 1999), que serve antes de qualquer proposta, de que preservar, para se visitar, para se conhecer, e respeitar, é lógico que o homem esteja preparado para ser turista/explorador.

CONCLUSÃO

Pelo leque de situações encontradas no decorrer deste

trabalho, que se baseia em fatos reais determinantes de parâmetros de estudos/comparações, para que se possa chegar a um consenso, de uma nova abordagem, sobre o que possa a ser correto ou não, em uma postura profissional flexível, torna-se necessário, ampliar ainda mais este trabalho realizado, o qual não se limita a esta situação encontrada, e sim, nos esclarece e nos obriga a se aprofundar ainda mais, em pesquisas voltadas a identificar meios e modos de conscientização de abordagens e de procedimentos, no que tange o conteúdo da Educação Ambiental, tendo em vista, o objetivo de que, não se pode favorecer uma realidade, prejudicando outras e que meios devam existir, para que uma potencialidade racional e equilibrada possa caminhar junto com atividades de desenvolvimentos sustentáveis e que não venham a degradar ainda mais o meio natural que abriga áreas que devem ser preservadas.

BIBLIOGRAFIA

TILDEN, Freeman. (1957) *Interpreting Our Heritage*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

MUNFORD, L. *A Cidade na História*. Rio de Janeiro. Ed. Itatiaia, s/d.

WERKER, Jim; HILDREYH-WERKER, Val. "Vision for the NSS Conservation Division", *NSS NEWS*, NSS: EUA. March 2001.

MORAES, A.C.R. (1994) *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. São Paulo. Ed. Hucitec.

SCALEANTE, José A. Basso (1999) Turismo Espeleológico em Apiaí. *Anais.. XXV CBE*.